

Paráfrases em conversações digitais: marcas da oralidade em interações mediadas por computador

Paraphrases in digital conversation: orality markings in computer assisted interactions

Letícia Jovelina Storto*
Paulo de Tarso Galembeck**

RESUMO: Os estudos de língua falada são interessantes àqueles que buscam verificar a língua em uso. Assim, este trabalho objetiva apresentar um recurso muito corrente na fala: a paráfrase, a qual é um elemento do processo de reativação do texto falado. A paráfrase é a retomada do já dito com uma mudança enunciativa, na qual um enunciado anterior é recuperado em um posterior com algumas distinções, sejam elas semânticas ou distribucionais. Fundamentado na Análise da Conversação, este trabalho verifica a ocorrência de paráfrase em conversações digitais. A análise mostrou que, em comunicações virtuais, as paráfrases têm as funções de: determinar, indicar ou esclarecer algo; acrescentar ou retificar uma ou mais informações; modificar o texto anterior, esclarecendo-o. Além disso, observa que a paráfrase característica desse contexto é a autoparáfrase adjacente, autoiniciada, expansiva, com função concretizadora.

PALAVRAS-CHAVE: Conversação Digital; Processos de (Re)Construção; paráfrase.

ABSTRACT: Studies of spoken language are interesting to those who seek to verify the language in use. This study presents a very common feature in speech: the paraphrase, which is an element of the process of reactivation of the spoken text. The paraphrase is used to resume what was already said with an enunciation change, in which a previous statement is later recovered with a few distinctions, whether semantic or distributional. Based on Conversation Analysis, this paper reports the occurrence of paraphrases in digital conversations. The analysis showed that, in digital conversations, paraphrases assume the functions of determining, specifying or clarifying something, adding or amending one or more pieces of information, modifying the previous text and making it clearer. In addition, the analysis found that the characteristic paraphrase of this context is the adjacent autoparaphrase, which is autostarted, expansive and has concretizing function.

KEYWORDS: Digital Conversation; (Re)Construction Processes; paraphrase.

1. Introdução

A paráfrase é a retomada do já dito com uma mudança enunciativa, na qual um enunciado anterior é recuperado em um posterior com algumas distinções, sejam elas semânticas ou distribucionais. Além disso, elas podem ser motivadas e/ou realizadas tanto pelo falante quanto

* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procópio. Contato: leticiajstorto@gmail.com.

** Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: ptgal@uel.br.

pelo ouvinte. Pode-se verificar diversos tipos de paráfrases: adjacente, não adjacente, paralela, expansiva, sintetizadora, entre outras.

Ela - que é um elemento do processo de reativação da fala - foi observada em comunicações mediadas por computador. O presente artigo busca, portanto, apresentar a utilização em conversações digitais de um recurso muito corrente em textos falados: a paráfrase.

Para isso, o trabalho fundamentou-se nas teorias da *Análise da Conversação* e tomou como material de análise conversas entre amigos. O comunicador instantâneo utilizado para a realização e a gravação de todas as interlocuções foi o *Windows Live Messenger* (*Messenger* ou *MSN*), o qual foi desativado em abril de 2013. Contudo, cumpre salientar que, embora o corpus desta pesquisa seja do *Messenger*, muitos outros programas (p.ex.: *Skype*), serviços de webmail da internet (p.ex.: *Gmail*, *Outlook*, *Hotmail*, *Yahoo* etc.) e comunidades virtuais (p.ex.: *Facebook*) oferecem o aplicativo de comunicador instantâneo para a realização de conversas online.

A permanência dessa forma de interação deve-se ao fato de que, segundo Modesto (2007, p.03), “os comunicadores instantâneos são aplicações (programas) que permitem o envio e recebimento de mensagens de texto em tempo real”, o que, conseqüentemente, tem facilitado a interação rápida, eficaz e coerente entre pessoas mundo afora. Para isso, são comuns na linguagem empregada nesse meio abreviações, mudanças da grafia das palavras, emprego de imagens e de marcas características da oralidade, de modo que a prática escrita da língua torna-se mais flexível e informal tanto mais perto estiver da modalidade falada (cf. STORTO; GALEMBECK, 2011). Além do mais, os comunicadores instantâneos têm se tornado populares por apresentar como “características a flexibilidade da escrita, a rapidez, o dinamismo e a interconexão em tempo real - peculiaridades consideradas essenciais para o mundo globalizado” (STORTO; GALEMBECK, 2011, p. 71).

As conversas foram fornecidas por um grupo de pessoas consideradas, de acordo com Preti (2005), como *falantes cultos*, com idade entre vinte e um (21) e trinta e um (31) anos, de variadas classes sociais e situados em diversas regiões das cidades de Londrina, Cambé e Rolândia, cidades do Norte do Paraná. De todos os diálogos, participaram apenas dois convidados, sendo um o nosso documentador. Portanto, o nosso *corpus* é composto de conversas diádicas.

Quanto à metodologia, é preciso ressaltar que “a fluidez e a falta de planejamento prévio requerem uma metodologia específica, que dê conta dos fenômenos peculiares a essa

modalidade de língua”, a fala (GALEMBECK, 1999, p.111). O analista da conversação deve, então, criar e recriar categorias que deem conta do seu objeto de análise, já que os estudos da língua falada e a sua valoração são recentes. Além disso, seus fenômenos devem ser analisados e categorizados a partir do seu contexto (a situação e as condições de enunciação). Por conseguinte, partimos de uma abordagem *empírico-indutiva* (MARCUSCHI, 2006; GALEMBECK, 1999), como convém aos estudos de materiais obtidos em situações reais de interação verbal.

Para atingir nossos objetivos, neste trabalho, discutimos, inicialmente os processos de construção do texto, em seguida explicamos o conceito de paráfrase e, por fim, analisamos o corpus selecionado para estudo, salientando e comentando as ocorrências de paráfrases em conversações digitais.

2. Processos de construção do texto falado

Os processos de construção do texto falado foram definidos por Castilho (1998). Segundo o autor, são três os processos de construção da fala: a) *construção por ativação*; b) *construção por reativação* (ou *reformulação*); c) *construção por desativação*. O primeiro deles é o processo central de formulação da língua falada (e também da escrita). Nele, tratar-se-á do tópico (ou assunto) e suas propriedades, das unidades discursivas e dos marcadores conversacionais (MC). O segundo, por sua vez, é uma espécie de anáfora discursiva, uma volta ao que foi dito, com a finalidade de reiterar ou reformular os enunciados anteriores, por meio da retomada (ou da reformulação) de porções do tópico. As três manifestações mais frequentes são a *repetição* (reiteração de itens lexicais ou estruturas, sem alterações ou com alterações pouco significativas), a *paráfrase* (recorrência do conteúdo, com alteração na forma) e a *correção* (anulação ou substituição total dos enunciados). Já o terceiro e último, a construção por desativação, é a ruptura total ou parcial na elaboração do texto falado, que se manifesta nas pausas, nas hesitações, nos anacolutos e, no plano da continuidade temática, nos *segmentos parentéticos* e nas digressões. Durante a interlocução verbal, o falante recorre a vários desses elementos, dos quais ressaltaremos o uso de paráfrases.

3. Paráfrase

A *paráfrase* ocorre, em textos conversacionais, devido ao envolvimento entre os falantes e às características peculiares a esse tipo de interação, ou seja, ao planejamento local,

em que o interlocutor busca, a todo tempo, situar a informação no universo mental do ouvinte para que o enunciado transmita um conteúdo claro e preciso. Segundo Hilgert (1997), a paráfrase é, nesse contexto, o processo no qual o *enunciado reformulador (paráfrase)* mantém com o *enunciado anterior* (ou *matriz*) uma relação de equivalência semântica (explicação, reiteração, ênfase), com o objetivo de intercompreensão entre os participantes da conversação e de progressão textual.

O paradoxo da paráfrase está nisso: é uma repetição de conteúdos que, precisamente por terem sido repetidos, se acrescentam semanticamente, e, nesse sentido, mudaram” (CASTILHO, 1998, p.75). Ao contrário da correção, a paráfrase não anula o que foi dito anteriormente, mas busca retomar o enunciado anterior com outras palavras. Possui, portanto, *dimensão retrospectiva*, pois o falante sente a necessidade de esclarecer o que foi dito (HILGERT, 1997). Para que os locutores possam deixar a sua fala mais clara e compreensível aos seus ouvintes, a paráfrase, sem dúvida, é um recurso muito utilizado e utilizável.

4. Análise e discussão do *corpus*: a paráfrase em conversações digitais

A *paráfrase* é a retomada do já dito com uma mudança enunciativa, na qual um enunciado anterior é recuperado, em um posterior, com algumas distinções, sejam elas semânticas ou distribucionais. Elas podem ser motivadas e/ ou realizadas tanto pelo falante quanto pelo ouvinte. Esse recurso serve para proteger a face do “falante”. No *corpus* elencado, como se esperava, encontramos várias paráfrases, de variados tipos, expansiva, sintetizadora, autoparáfrase e outras.

Em (1), o “falante”, para garantir a compreensão de seu interlocutor, parafraseia o seu texto. Em “*não sei se já foi aprovado esse tema...*” parafraseia “*não sei se é oficial*”, resguardando, assim, o “falante” de qualquer objeção. Em (2), G* MN parafraseia o seu texto para deixá-lo de acordo com a correção efetuada por G* Informática. Note-se que, nesses excertos, o locutor recorre ao emprego de um Marcador Conversacional que funciona como prefaciador da opinião e, ao mesmo tempo, como atenuador discursivo, pois ameniza o valor daquilo que é dito.

- 1)
 [15/07/2008 09:32:17] CUE diz: não sei se é oficial, (EM¹) de início seria sobre as novas tecnologias de informação e comunicação
 [15/07/2008 09:32:28] JFS diz: uia....legal
 [15/07/2008 09:32:34] JFS diz: eu fiz dois trabalhos sobre isso
 [15/07/2008 09:32:35] CUE diz: não sei se já foi aprovado esse tema... (P²)
- 2)
- | | | | |
|-----------|----------|----------------------|--|
| 22/7/2009 | 11:19:23 | G*-MN | A* <u>vc tem ai 1 caixa de fita</u> (EM) |
| | | | adesiva transparente 45x45??? |
| | | G* | |
| 22/7/2009 | 11:23:28 | Informática-3026**** | <u>não vendo em caixa é por unidade</u> (P1) |
| 22/7/2009 | 11:23:48 | G*-MN | <u>qnt ta a unidade??</u> (P2) |

Em ambos os excertos há ocorrência de uma autoparáfrase, ou seja, a paráfrase em que o próprio falante retoma o seu texto com outras formas linguísticas. As paráfrases são subcategorizadas em quatro tipos: a) a que o próprio falante parafraseia aquilo que está dizendo, a *autoparáfrase*; b) a que o interlocutor parafraseia o que foi dito pelo outro, roubando-lhe o turno conversacional, a *heteroparáfrase*; c) a paráfrase que é motivada pelo falante, a paráfrase *autoiniciada*; e d) a que é motivada pelo ouvinte, a paráfrase *heteroiniciada*. Nas comunicações virtuais, prevalecem as paráfrases motivadas pelo falante em que ele parafraseia seu próprio texto. Logo, no corpus analisado, sobressaem-se as autoparáfrases autoiniciadas, pois as demais paráfrases consistem no parafraseamento pelo ouvinte, que invade o turno do seu interlocutor (assalto ao turno) e retoma o que foi dito. Embora nas comunicações mediadas por computador, hajam muitas ocorrências de assalto ao turno, notamos poucas retomadas do já dito pelo interlocutor, isso se deve ao meio que as interações ocorrem.

Em (2), no entanto, há uma heteroparáfrase: quando G*-Informática corrige seu interlocutor com a finalidade de mostrar que não se trata de caixa, mas de unidade; trata-se, por conseguinte, de uma *paráfrase especificadora*.

Nas conversas virtuais, verificamos a presença de turnos, ora assaltados, ora concedidos. Contudo, diferentemente de comunicações orais face a face, as “vozes” não se sobrepõem. Em comunicadores instantâneos, como os “falantes” não esperam muito para responder perguntas e os “ouvintes” para receber a resposta, os interlocutores digitam, muitas vezes, suas mensagens

¹ Em = Enunciado Matriz.

² P = Paráfrase.

de maneira simultânea, disso decorre a existência de textos em que os interactantes, em alguns momentos, assaltam ao turno, para participar da interação ou para responder algo que lhe foi questionado. Todavia, os textos não se tornam incoerentes, pois os falantes intercalam os enunciados e porque quem está habituado a utilizar os comunicadores instantâneos não tem problemas quanto a isso.

Cumpre salientar também que, em comunicações mediadas por computador, muitas vezes os interactantes não terminam de digitar ou não enviam seu texto, o que leva ao assalto da vez de fala pelo interlocutor. Verificamos com a análise que isso é muito comum em conversas digitais.

Isso tudo acarreta outra característica muito comum percebida em conversas digitais: ausência de respostas para perguntas realizadas. Isso pode ser devido ao fato de, muitas vezes, os interlocutores não voltarem ao texto para preencher possíveis lacunas que ficaram para trás, talvez porque o que eles queriam terminar de escrever perdeu a relevância no contexto.

Além de resguardar as faces, a paráfrase também tem a função de esclarecer, o mais possível, o texto. Em (3), os “falantes”, por meio de paráfrases, previnem a sua face de “arranhões”; atenuam o que dizem; e deixam o seu discurso bem claro ao interlocutor, de modo a não restar dúvida alguma.

3)

[21/07/2008 14:26:17] EB diz: quem vê vc falando assim, parece que está desempregada....

[21/07/2008 14:26:27] JFS diz: é verdade né..rsrs

[21/07/2008 14:26:39] JFS diz: mas eu tô tranquila... (EM)

[21/07/2008 14:26:45] JFS diz: não tô esquentando muito não... (P)

[21/07/2008 14:27:03] JFS diz: uma coisa de cada vez NE (P)

4)

(15:03) AP: vou te mandar (EM)

(15:03) AP: rrsrrsrs

(15:03) AP: 30 Kg

(15:03) DB: OK

(15:03) AP: barrica vou mandar hoje junto com sua entrega (P)

Com as paráfrases, os interlocutores podem ofender ou preservar a face do outro. No *corpus*, não verificamos a existência de paráfrases que “arranhem” a autoimagem do “ouvinte”.

Como nos excertos anteriores, ambas as paráfrases são autoiniciadas pelo falante. Todavia, em (3), temos um exemplo de *paráfrase adjacente*; já em (4), trata-se de uma *paráfrase não adjacente*.

A paráfrase que se situa em seguida ao enunciado matriz é chamada de *adjacente*, pois está mais próxima ao enunciado que foi reformulado. Ela tem função local no desenvolvimento do texto, “resolvendo tanto problemas de natureza especificamente interacional quanto problemas determinados pelo desdobramento temático-argumentativo do texto e pela busca de adequação vocabular na construção de enunciados” (HILGERT, 1997, p.117).

Ao contrário, a *paráfrase não adjacente* é aquela que não ocorre logo ao enunciado matriz, mas está um pouco distante. Ela tem a função de estruturar a conversação em um nível mais abrangente, ou seja, funciona “como estruturadora de tópicos conversacionais mais longos e abrangentes, na medida em que assegura unidade a uma abordagem temática, demarca diferentes etapas de seu desenvolvimento e lhe dá a conclusão necessária” (HILGERT, 1997, p.117). Pode-se dizer que esse tipo de paráfrase se apresenta como uma espécie de resumo quando busca concluir o tópico.

Predominam, no corpus, as paráfrases adjacentes. Isso revela que o procedimento está ligado à própria formulação discursiva. Com efeito, a paráfrase decorre do monitoramento que o falante exerce sobre a sua fala e da necessidade de criar um contexto comum partilhado pelos interlocutores.

Em textos escritos, não haveria a necessidade de parafraseá-los seguidas vezes, porque o sentido almejado já teria sido compreendido pelo leitor e porque há um planejamento global do texto que tem como um de seus objetivos evitar a repetição desnecessária. Contudo, na fala, para realçar o que se diz e para não deixar qualquer mal entendido, o locutor retoma o seu discurso, reintroduzindo-o, posteriormente, de forma a buscar a necessária clareza. Em comunicações mediadas por computador acontece o mesmo: para não “arranhar” a face do interlocutor os interactantes muitas vezes parafraseiam os seus textos, de modo a não ficarem lacunas, dúvidas ou mal entendidos.

No excerto (5), notamos uma paráfrase autoiniciada pelo “falante”, o qual almejava esclarecer de que problema S* sofria e, no diálogo (6), FG elucida por qual motivo V* não está muito bem de saúde, ambas têm, portanto, função semelhante: aclarar algo.

5)

[21/07/2008 14:30:01] JFS diz: e a S*..como está? (EM)

[21/07/2008 14:30:03] EB diz: é.. aproveita mesmo

[21/07/2008 14:30:13] JFS diz: está melhor das enxaquecas? (P)

[21/07/2008 14:30:51] EB diz: A S* está bem... bom, qto as enxaquecas... desde quinta que voltei das férias ela não reclamou... mas parece que na quarta ela estava quase morrendo

6)

(14:29) AP: será q hoje no final da tarde o w* consegue vir aqui pra ir visitar o cliente q era pra visitas ontem?

(14:29) AP: tbm

(14:30) FG: tenho q ver com ele, acho q hoje nao tbm a*

(14:31) FG: o v* nao esta bem de saude (EM), está com um problema no joelho q está mto inxado e dolorido (P). Talvez fique dificil ir hoje mas logo ele ta aqui e vc fala com ele ou eu mesmo falo e te digo.

A paráfrase de (5) delimita qual dor tem incomodado S*, amiga de ambos os interlocutores, de forma a especificar a sua dúvida: o “falante” quis saber, em especial, se S* está melhor da enxaqueca. Essa paráfrase é considerada *expansiva*, pois amplia o que é dito no enunciado matriz, e como *concretizadora*, pois determina o problema de saúde de S*. Já a paráfrase de (6) determina a causa do mal estar de V*. A diferença entre elas está no fato de que, no primeiro texto, JFS questiona EB sem obter resposta, por isso parafraseia o seu texto no seu próximo turno. Já no outro diálogo, FG, sem a intervenção de AP, esclarece qual seja a enfermidade que afeta a saúde de V*, porque, talvez, acredite que seu interlocutor não saiba exatamente do que se trata o problema. Essa também é considerada uma paráfrase *expansiva*, uma vez que é proporcionalmente maior do que o enunciado matriz.

A paráfrase *expansiva* consiste no fato de o parafraseamento realizar-se por meio de um enunciado, lexical e sintaticamente, mais complexo do que a matriz. Além disso, ela explica, define ou exemplifica algo. A *paralela*, por sua vez, mantém a mesma extensão do enunciado parafraseado. Já a *sintetizadora* confere a denotação adequada ao enunciado e resume o conjunto de informações que a matriz contém. Ela ocorre “quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase se textualiza numa unidade mais simples” (HILGERT, 1997, p. 124), condensada.

As *paráfrases concretizadoras* especificam informações contidas no enunciado matriz, tendo a função de ampliar ou reduzir o sentido da fala, focalizando ou tirando o foco daquilo que foi dito no enunciado matriz. Já a *paráfrase desconcretizadora* tira o foco do tópico da matriz.

Algumas paráfrases, no entanto, apresentam, conforme dito, menor extensão se comparadas aos enunciados matrizes. Elas são, por isso, denominadas paráfrases sintetizadoras. Em (7), há uma paráfrase que, embora retome o que foi dito anteriormente, condensa o texto, pois “*me passa um ponto de referencia?*” é maior do que “*fica proximo de onde?*”.

- 7)
- (17:35) AP: Rua: Achiro Kawazaki, ***
- (17:35) AP: Jardim Tóquio
- (17:36) VN: londrina né?
- (17:36) AP: sim
- (17:36) VN: me passa um ponto de referencia
- (17:36) VN: ? (EM)
- (17:37) VN: fica proximo de onde? (P)
- (17:37) AP: baixo abaixo do Armazem da Moda
- (17:38) VN: ok

Com a análise do *corpus*, encontramos outras funções para as paráfrases: determinar, indicar ou esclarecer algo; acrescentar ou retificar uma ou mais informações; modificar o texto anterior, esclarecendo-o; entre outras.

- 8)
- (04/02/2009 11:50) ★ VV: mazaaaaaaaaa pq q tem q ser segunda de carnaval?? (EM) não tinha outro dia pra vc nascer não? (P)

- 9)
- (10/02/2009 08:02) YZ: que isso?
- (10/02/2009 08:02) CB - Atenção: convidada estás, jovem donzela
- (10/02/2009 08:02) CB - Atenção: meu conviteeeeeeeeeeeeeee (EM)
- (10/02/2009 08:02) CB - Atenção: 🙄 k
- (10/02/2009 08:02) CB - Atenção: pseudo convite (P)
- (10/02/2009 08:02) YZ: IUHAUIAHIAUHAIUHAUIHAIUAHIAUH
- (10/02/2009 08:02) YZ: ADOREI o convite

- 10)
- (10:52) AP: minhas camisetas
- (10:53) Serigrafia: Puxa vou para Maringã na sexta e levo para vc (EM)
- (10:54) Serigrafia: Vou na Barricas Nacional no Sr. D* ai levo elas para vc sem falta e levo tb o modelo de Rotulo para barrica que fiz para vcs. (P)
- (10:55) AP: ok

11)

(10:22) AN: EM PARA FATURAR SÓ SE O CADASTRO ESTIVER OK (EM) NÃO TIVER PENDÊNCIA (P) VOCÊS JÁ ATUALIZARAM AS PENDÊNCIAS? SENÃO SÓ POSSO MESMO FAZER À VISTA (P)

(10:22) AN: POSSO PEDIR PARA ELES CONSULTAREM AQUI NOVAMENTE SE TIVER TUDO OK AI POSSO FATURAR DIRETO PARA 30 OU 28/35 (P)

Observamos, em (8), o emprego de uma paráfrase que determina o evento concomitante com uma segunda-feira de carnaval, o aniversário do seu interlocutor; trata-se, portanto, de uma paráfrase concretizadora.

Em (9), o falante envia, por um recurso de envio de mensagens do comunicador instantâneo, um convite ao seu interlocutor, convidando-o à sua festa de aniversário. O “ouvinte”, todavia, não compreendeu o que era, daí a pergunta “*que isso?*”, a qual é respondida com “*meu conviteeeeeeeeeeeee*”, resposta que é, *a posteriori*, parafraseada: “*pseudo convite*”. É interessante notar que a repetição, característica do processo de reconstrução da língua falada, é também muito recorrente nas conversas virtuais, como nesse exemplo, podendo servir ao monitoramento da interação.

A paráfrase expansiva de (10) determina em que lugar de Maringá um dos interlocutores está naquela semana e também acrescenta algumas informações que não estavam presentes no enunciado matriz, como aquela referente ao modelo de rótulo.

AN, em (11), parafraseia-se algumas vezes: para o enunciado matriz “*em para faturar só se o cadastro estiver ok*”, AN utilizou três autoparáfrases autoiniciadas, de modo a não deixar dúvidas quanto ao que explica, “*não tiver pendência*”, “*senão só posso mesmo fazer à vista*” e “*se tiver tudo ok ai posso faturar direto para 30 ou 28/35*”. Com certeza, o interlocutor só comprará se não estiver devendo para AN, que deixou bem evidente só vender nessa condição.

Há ainda, outros tipos de paráfrase. A paráfrase enfatizadora salienta o que está sendo dito, alguns termos podem ter essa função no enunciado: aliás, realmente, altamente, excessivamente, entre outros. Já a atenuadora diminui a força expressiva e a carga semântica daquilo que foi dito, minimizando-se, assim, os efeitos do texto. A paráfrase epilinguística, por seu turno, tece reflexões a respeito da língua, “produzindo ao mesmo tempo textos de língua” (CASTILHO, 1998, p.77), como a produção de sinônimos, antônimos, hiperônimos ou hipônimos.

Várias outras paráfrases, com predominância daquelas iniciadas pelo locutor, foram observadas no material de nossa pesquisa, o que evidencia a interação dos participantes. Para

finalizar, observamos que uma mesma paráfrase pode ter mais de uma classificação, a qual é determinada por alguns traços (de produção, relacional, distribucional, entre outros). Para exemplificar isso, retoma-se o segundo exemplo, cuja paráfrase pode ser classificada como *autoparáfrase autoiniciada expansiva concretizadora não adjacente*.

12)

[15/07/2008 09:32:17] CUE diz: não sei se é oficial, (EM) de início seria sobre as novas tecnologias de informação e comunicação

[15/07/2008 09:32:28] JFS diz: uia....legal

[15/07/2008 09:32:34] JFS diz: eu fiz dois trabalhos sobre isso

[15/07/2008 09:32:35] CUE diz: não sei se já foi aprovado esse tema... (P)

Essa paráfrase, como comentado anteriormente, é não adjacente por ficar longe do enunciado matriz, é expansiva porque a paráfrase tem a extensão sintática maior que a do enunciado matriz, é concretizadora por especificar o tema não havia sido aprovado e, por isso, não era oficial, é autoparáfrase autoiniciada por ser o próprio falante que parafraseia sua fala motivado por questões próprias. Enfim, há muitas classificações e funções para as paráfrases na língua falada. Buscou-se, apenas, identificar algumas numa determinada situação de enunciação: conversa informal entre duas senhoras.

Cerca de 90% das paráfrases examinadas no corpus são do tipo autoparáfrases autoiniciadas, dado que evidencia o automonitoramento que o falante exerce sobre as suas palavras. Com o monitoramento, o falante busca assegurar-se de que está sendo compreendido e, assim, não corre o risco de ser interrompido pelo seu interlocutor.

5. Considerações finais

Os estudos acerca da língua falada têm crescido gradualmente. Pesquisas a respeito da internet e das interações, que nela se cumprem, também têm ganhado importância no campo da Linguística. É necessário, todavia, que estudos envolvendo os dois temas se realizem, de modo a compreendermos melhor as interlocuções digitais. É para preencher, ainda que parcialmente, essa lacuna que esta pesquisa foi desenvolvida, pois buscou unir os pressupostos da Análise da Conversação às pesquisas a respeito do *ciberespaço*, do *hipertexto* e dos comunicadores virtuais, em especial do comunicador instantâneo.

Este artigo buscou expor alguns elementos da Análise da Conversação dando ênfase à (re)construção texto por meio da paráfrase, a qual é vista como a retomada de um já dito a fim

de torná-lo mais claro ao interlocutor. A análise do corpus mostrou que o emprego de paráfrases em conversações digitais é recorrente. Isso se deve ao interesse de os falantes serem claros e de não ofenderem seu interlocutor. Assim, preservam-se as faces dos participantes da conversação. O exame apresentou também que as paráfrases são recursos multifuncionais da língua, pois, dentre outras funções, elas podem determinar, indicar ou esclarecer, acrescentar ou retificar uma ou mais informações, expandir, alterar, reformular ou modificar o texto, esclarecendo-o.

A análise efetuada revela, por outro lado, um tipo predominante de paráfrase em comunicações virtuais, de modo que se pode dizer que o tipo de paráfrase característica desse contexto é a autoparáfrase adjacente, autoiniciada, expansiva, com função concretizadora. Esse predomínio decorre das circunstâncias da enunciação: nela, verifica-se o monitoramento da própria fala pelo locutor, o qual emprega os procedimentos necessários para assegurar-se de que está sendo compreendido.

A paráfrase, sem dúvida, é um recurso muito utilizado pelos falantes, a fim de que possam deixar a sua fala mais clara e compreensível ao seu ouvinte, ainda mais quando não estão em presença. Enfim, ela é um recurso importante e necessário para a progressão e a intercompreensão textuais.

Referências

- CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- GALEMBECK, P. de T. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Â. C. de S. *et al* (Orgs.). **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP, 1999, p.109-119.
- HILGERT, J. G. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na *internet*. In: PRETI, D. (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000, p.17-55.
- _____. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.103-127.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- MODESTO, A. T. T.. **A estrutura conversacional nas interações mediadas por computador: o caso MSN Messenger**. 2007. Disponível em www.fflch.usp.br/eventos/enilnew/pdf/58_Artarxerxes_Tiag_%20TM_revisto_.pdf. Acesso em: fev. 2009.

PRETI, D. (Org.). **O discurso oral culto**. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2005.

STORTO, L. J.; GALEMBECK, P. de T. Características da língua falada em conversações digitais. In: **Revista Iluminart**, n. 7, IFSP – SERTÃOZINHO, p. 70-85, 2011. Disponível em: http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes_anteriores/volume1numero7/ARTIGOS/volume1numero7artigo6.pdf. Acesso em: out. 2013.

Artigo recebido em: 31.08.2013

Artigo aprovado em: 26.11.2013

Domínios de Lingu@gem